



sitantes, auxiliados por uma bengala, são conduzidos por uma guia que os leva por uma floresta até chegar ao bar, onde podem saborear um café, tudo na mais completa escuridão.

Criada há 17 anos na Alemanha, a exposição aguça os sentidos que normalmente desempenham papel coadjuvante em um mundo altamente visual, colocando o visitante numa situação de insegurança, orientado por monitores deficientes visuais, mas absolutamente à vontade na ausência da luz.

“As pessoas não acreditam no que está ocorrendo; entram em contato com pessoas cegas, num mundo completamente novo. É toda uma mudança de perspectiva”, explica com entusiasmo Andreas Heinecke, o idealizador do projeto. Quinze minutos na escuridão bastam para apagar as diferenças entre os indivíduos, enfatizar a importância da cooperação e valorizar cada um dos outros sentidos, agora essenciais para dimensionar o espaço e orientar o corpo.

Antes de chegar no Brasil, o *Diálogo no escuro* esteve em 16 países e passará por outras cidades alemãs antes de retornar a Hamburgo, onde o projeto conseguiu, há cinco anos, firmar raízes e manter um espaço permanente. A exibição se adapta à cultura local, o que pode resultar num passeio pelo interior de uma mata no Rio de Janeiro, composta por mudas vivas de plantas, grama e folhas secas no chão, ou por um ambiente repleto de música regional, como foi o caso no México.

Heinecke estima que mais de três milhões de pessoas já “dialogaram no

escuro” e outros 3,5 mil deficientes visuais colaboraram para o projeto se concretizar. “Na exposição, muitos cegos e pessoas com visão parcial abrirão os olhos dos visitantes no escuro para mostrar-lhes que seu mundo não é mais pobre, apenas diferente” conclui Heinecke.

Germana Barata

NO SILÊNCIO

Seguindo a mesma linha da experiência não-visual, em 1997 a equipe de Andreas Heinecke montou uma exibição não-auditiva para que os visitantes entrem em contato com o mundo silencioso, derrubem preconceitos e se sensibilizem com outras formas de comunicação. Nomeado de *Cenas do silêncio*, o projeto conta com monitores surdos para oito atividades. Grupos de até 12 pessoas, munidas de fones de ouvido, são incentivadas a trabalhar com a linguagem corporal, expressões faciais, gestos e sinalizações com as mãos em salas circulares, com paredes que absorvem qualquer ruído. A intenção, tanto do *Diálogo* quando de *Cenas*, é quebrar padrões de comportamento e reverter atitudes de rejeição.

DIVULGAÇÃO

Série de quadrinhos trata ciência com humor

O estereótipo de ciência como atividade misteriosa e desprovida de humor pode estar com os dias contados. Pelo menos se depender do jornalista, cartunista e atual coordenador de imprensa do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), João Garcia. João, ou Jão como costuma assinar, criou a série em quadrinhos “Os cientistas”, que mistura informações científicas, o cotidiano da pesquisa e seus bastidores, tudo isso em uma linguagem informal e atraente: o cartum. Enquanto cursava jornalismo, João trabalhou em duas revistas produzidas pela USP ao lado de cartunistas como Laerte e os irmãos Caruso. “Foi uma aprendizagem muito importante”, relembra o cartunista, que na época ainda não desenhava charges com temas de ciência. Depois de formado, foi trabalhar no IPT e essa proximidade com a pesquisa o motivou a criar a série em quadrinhos que abordassem temas científicos. “A intenção era unir divulgação científica e humor”, comenta João.

A SÉRIE “OS CIENTISTAS” Foi em 1994 que começou a criar as



primeiras tirinhas da série, produzida com a colaboração de diversas pessoas e suas diferentes percepções da ciência. Segundo o cartunista, a inspiração para o processo criativo pode vir de qualquer lugar: de uma descoberta científica divulgada em primeira mão, de conversas com crianças, idosos, pesquisadores e até em

equipe de pesquisadores brasileiros recém-chegados da Alemanha, que comentaram a descoberta e eu, rapidamente, transformei a notícia em uma tira e enviei ao *Correio Popular*", conta João.

Inicialmente, a série tinha como alvo os pesquisadores brasileiros mas não alcançou a repercussão esperada, e foi remodelada para o

Semana de Popularização de C&T, do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Os cartuns de João Garcia (Jão e col) serão expostos, novamente, este ano na estação Sé do metrô, uma das mais movimentadas da capital paulista. No ano passado, o trabalho de "humor científico" foi apresentado na estação Clínicas



situações corriqueiras. A série ganhou espaço e foi veiculada diariamente no jornal *Correio Popular* de Campinas, no interior paulista, entre 1994 e 2002, num total de quase 3 mil tiras. Nesse trabalho, João realizou, provavelmente, o primeiro furo jornalístico em quadrinhos: a divulgação da descoberta de uma nova bactéria para a produção de plástico biodegradável, a *Burkholderia sacchari*, por uma equipe do IPT em 2001. "Recebi a

público infanto-juvenil, com resultados muito melhores.

CARTUNS NAS ESCOLAS Apesar de divulgar ciência com humor e qualidade, nem sempre o trabalho realizado por João em "Os cientistas" foi bem aceito. "Antes era um trabalho quase underground, até mesmo no IPT, mas foi ganhando espaço e acho que essa é uma vitória do jornalismo científico", diz João. Outro espaço conseguido foi na

do metrô paulistano. "Foi surpreendente o interesse do público", relembra o cartunista. Em função possivelmente de seu ineditismo, o MCT se interessou em publicar um livro com a coletânea parcial dos cartuns produzidos na série. O público-alvo da publicação é o infanto-juvenil e a distribuição será feita em escolas públicas, como um livro de caráter educativo.

Luciene Zanchetta